



A ‘MONOTONGAÇÃO’ NA FALA DE INFORMANTES DE  
FLORINÓPOLIS DO PROJETO ALIB

Diana Liz Reis de Bittencourt (UFSC)<sup>1</sup>

Eixo temático: Estudos da linguagem

RESUMO

Neste artigo, faz-se um estudo sobre o fenômeno da monotongação (apagamento de semivogais em ditongos) no português falado. Para tanto, parte-se de fundamentos teóricos sobre fonologia com base principalmente em Bisol (1989; 2005), e realiza-se uma análise com dados de falantes de Florianópolis (SC) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os resultados demonstraram que fatores estruturais e a grau de escolaridade do informante influenciam na realização desse fenômeno. Palavras-chave: ditongos; monotongação; variação linguística.

ABSTRACT

This paper presents a study on the phenomenon of ‘monotongação’ (deletion of semivowels in diphthongs) in spoken Portuguese. For this purpose, the theoretical foundations is based primarily on phonology of Bisol (1989, 2005), and performs an analysis with data from speakers of Florianópolis (SC) of the Project Linguistic Atlas of the Brazil (ALiB). The results showed that structural factors and educational level of the informant influence the achievement of this phenomenon.

Keywords: Diphthongs; monophthongization; linguistic variation.

Introdução

O *ditongo* é definido como uma sequência de sons vocálicos em que um dos segmentos é interpretado como *vogal*, por ter pronúncia mais intensa, e o outro, com ter uma pronúncia mais fraca, apenas como *semivogal*.

Sabemos que no sistema ortográfico do português há muitos ditongos, ou melhor, vocábulos grafados com ditongos, mas que, na realidade, na fala de muitos falantes do português do Brasil (PB), eles não são inteiramente pronunciados, isto é, ocorre uma apagamento dos sons das semivogais, como em

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

*fe[i]xe, brasile[i]ro, o[u]ro*, palavras em que dificilmente se ouve o som das semivogais [y] e [w], respectivamente.

A esse apagamento, ou melhor, a esse processo de simplificação de um ditongo através da supressão da semivogal, em que sobra apenas o som da vogal, dá-se o nome de *monotongação*<sup>2</sup>, um termo frequentemente encontrado em vários trabalhos linguísticos, principalmente os que tratam de variação linguística.

A monotongação é o objeto de estudo deste artigo, que pretende analisar esse fenômeno, através da análise de dados de fala extraídos de entrevistas com falantes de Florianópolis, em Santa Catarina, pertencentes ao Projeto ALiB<sup>3</sup>.

Para realizar essa pretensão, este artigo está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, traçaremos uma discussão teórica sobre ditongos e monotongação, e bem como apontaremos alguns resultados de trabalhos sociolinguísticos que discutiram esse fenômeno variável, levando em conta outros aspectos para a sua realização, inclusive extralinguísticos, através de Paiva (1996) e Cabreira (2000).

Em seguida, trataremos da metodologia de análise criada para investigar os dados oriundos das entrevistas com oito informantes de Florianópolis do Projeto ALiB. Os critérios de análise foram desenvolvidos com base em pressupostos da discussão teórica, e também na própria configuração dos perfis dos informantes do ALiB.

Depois, discutiremos os resultados encontrados, apresentando, por exemplo, a percentagem de monotongação ocorrida nos vocábulos da amostra, além de, relacionarmos a ocorrência do fenômeno com outros fatores linguísticos e sociais. Para finalizar, traçaremos algumas considerações finais sobre o assunto.

Por fim, destacamos que este fenômeno, inclusive por sua natureza variável, está sendo olhado a partir de uma visão de língua heterogênea. Nela, a variação é vista como parte do próprio funcionamento do sistema linguístico,

---

<sup>2</sup> O termo *monotongação* não tem aceitação unânime entre os fonólogos, uma vez que a vogal do ditongo, com a pronúncia ou não da semivogal, é sempre um monotongo, ou seja, não se transformou em monotongo através da monotongação, como o nome pode sugerir.

<sup>3</sup> O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) é um amplo projeto nacional, que tem por meta a realização de um atlas nacional para descrever a diversificada realidade linguística do Brasil, com enfoque principalmente na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e lexicais). Atualmente, o projeto está em fase final de conclusão, com a grande maioria dos inquéritos realizada e transcrita. No decorrer do trabalho, discorreremos mais sobre o ALiB.

constituindo-se em requisito ou condição para a existência do mesmo, conforme Labov (1972). Assim, entendemos que a variação merece um lugar de destaque entre os estudos da linguagem.

Desse modo, apoiamos-nos em muitos dos preceitos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional e da sociolinguística variacionista, ou seja, de ciências preocupadas com a variação/mudança linguística, embora não o tenhamos feito de forma mais direta. Assim, alertamos que este estudo não se caracteriza como um trabalho tipicamente sociolinguístico, nem geolinguístico.

### **O fenômeno da monotongação**

Os ditongos são definidos como uma sequência de segmentos, em que um dos segmentos da sequência é interpretado como uma vogal (ou monotongo) e outro como uma *vogal assilábica* (também denominada de *semivocóide* ou de *glide*), cabendo sempre à vogal ocupar o núcleo da sílaba, de acordo com Silva (2005, p. 73).

Mattoso Camara (1957) já havia percebido esse fenômeno do apagamento do *glide* no português falado no Brasil em meados do século passado. Em seu artigo *Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro*, o autor analisou sessenta redações de crianças de 11 a 13 anos de uma escola carioca, e os dados mostraram uma série de características fonéticas da fala desses alunos. Dentre elas estão: *anulação da oposição entre ditongo /ow/ e /o/ fechado (loro, popa por louro, poupa); e anulação entre a oposição entre /ey/ e /i/ fechado, seguintes de chiente na sílaba seguinte (peixe por peixe)*. (cf MATTOS e SILVA, *op cit*: 54).

Entretanto, os estudos sobre monotongação de ditongos no Brasil ficaram consagrados principalmente nos trabalhos de Leda Bisol sobre os ditongos orais tônicos na fala do Sul do Brasil.

Assim como vimos em Callou, Leite & Moraes (2003), Bisol (2005, p.124), também, apoiando-se na fonologia autosegmental, explica que esses ditongos são ditos “leves”, porque estariam ligados a um único elemento V, como em *peixe* ou [pexe], enquanto que os “verdadeiros” ditongos estariam ligados a dois elementos V, como em *pauta*.

Bisol (1989) também afirma que, diante de tepe, ocorre, no português falado, um ditongo leve e, assim, o *glide* é apagado sem que ocorra mudança de sentido. A autora defende a hipótese de que, diante de palatal ou de tepe, o ditongo, consagrado pela escrita em muitas palavras do português, possui na verdade apenas uma vogal na forma subjacente.

Vale destacar, ainda, que, para Bisol (2005, p. 123), há também no português um outro ditongo que passa a monotongo por apagamento ou reanálise: o ditongo /ow/. Interpretá-lo como reanálise significa que os falantes não têm mais o ditongo /ow/, mas sim a vogal simples /o/ na forma subjacente, atesta Bisol.

Além desses trabalhos fonológicos, encontramos outros estudos que também tratam da supressão das semivogais dos ditongos, mas com um enfoque mais sociolinguístico, ou seja, mais preocupado em justificar essa variação através da investigação de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem condicionar a ocorrência da monotongação. Nessa linha, destacamos, por exemplo, os estudos de Cabreira (2000) e Paiva (1996), cujos resultados principais serão sucintamente comentados aqui.

Primeiramente, em relação a discussão teórica, Paiva (1996, p.222) acrescenta que, do ponto de vista fonético, a supressão das semivogais ocorre como *consequência de um processo de assimilação a zero decorrente da contiguidade de segmentos da mesma cadeia fonética na cadeia sintagmática*.

A autora estudou a monotongação da semivogal [y] nos ditongos decrescentes [ey], como um fenômeno variável, sob o olhar da sociolinguística variacionista, investigando dados de (44) entrevistas com falantes do Rio de Janeiro. A partir dos resultados dessa pesquisa, Paiva (*op. cit.*) constatou que os fatores linguísticos: (i) ponto de articulação e o modo de articulação do segmento seguinte; (ii) extensão do vocábulo; (iii) situação da semivogal em relação à estrutura morfológica interna da palavra, foram muito significativos no estudo desse fenômeno.

Mais precisamente, Paiva (1996) relatou que em relação ao fator (i), as consoantes velares e palatoalveolares e o modo de articulação flap foram os contextos que mais favoreceram a monotongação. Já, sobre o fator (ii), a autora afirma que as palavras com mais de uma sílaba favoreceram a monotongação. Por último, quanto ao fator (iii), ela mostra que a monotongação ocorreu mais em sufixos do que em radicais.

A autora também investigou categorias sociais que poderiam estar influenciando a monotongação, todavia, considerou os resultados menos expressivos, mas destacou que o fator *maior escolaridade* foi o que mais inibiu a monotongação dos ditongos estudados.

Em consonância com Paiva, Cabreira (2000) – em seu estudo sobre a monotongação de ditongos decrescentes na fala informantes de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, do Projeto Varsul<sup>4</sup> – também considerou como fator linguístico, muito relevante para a monotongação, *o contexto fonológico seguinte ao glide*, relatando que o contexto de fricativa palatoalveolar foi o mais favorecedor para o apagamento da semivogal, principalmente se tratando dos ditongos [ay] e [ey].

No entanto, o autor, que também investigou fatores extralinguísticos como sexo, idade e escolaridade, considerou muito significativo o papel do fator social *escolaridade* na ocorrência da monotongação, observando que em seus resultados, os falantes com maior grau de instrução ‘monotongaram’ menos que os demais.

Dessa forma, podemos dizer que nesses estudos, tanto o fator contexto fonológico posterior à semivogal do ditongo, como o fator extralinguístico nível de escolaridade do falante, foram relevantes para a ocorrência da monotongação.

## **Metodologia**

Como foi visto, este trabalho parte de uma visão de língua heterogênea, e portanto, entende que o sistema linguístico é composto não apenas por regras categóricas, mas também por regras variáveis, como afirma Labov (1972). Dessa forma, é possível conceber a variação, na pronúncia de certos ditongos, como um fenômeno variável determinado por pressões internas – fatores como contextos linguísticos posteriores ao ditongo (palatal, tepe) – e pressões externas – advindas da comunidade de fala na qual o falante está inserido, da sua idade, gênero e escolaridade.

---

<sup>4</sup> O banco de dados Varsul, *Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil*, é composto de amostras de fala de informantes das principais áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Os dados estão organizados criteriosamente segundo a localização, a idade, a escolaridade e o sexo dos informantes, e estão disponíveis nas universidades federais das três capitais desses estados, bem como na PUC-RS.

São essas pressões internas e externas que serão investigadas aqui, com intuito de verificar se alguns desses fatores podem estar favorecendo a monotongação nos ditongos. Mais adiante, descreveremos melhor as categorias de análise de cunho social (idade, sexo, escolaridade), elaboradas em função do próprio perfil/distribuição dos informantes do ALiB, e estrutural (contexto fonológico posterior ao *glide*), criadas com base em pontos teóricos vistos no início artigo.

Sobre a amostra deste estudo, ela é composta por entrevistas com informantes de Florianópolis realizadas para o Projeto ALiB, em 2004. Essas entrevistas foram feitas com oito informantes<sup>5</sup>, divididos conforme as categorias sociais: escolaridade, sexo e idade, conforme a tabela 1, a seguir, pode melhor ilustrar:

	Escolaridade	Sexo	Idade
<b>Informante 01</b>	Baixa	Masculino	18 a 30 anos
<b>Informante 02</b>	Baixa	Feminino	18 a 30 anos
<b>Informante 03</b>	Baixa	Masculino	50 a 65 anos
<b>Informante 04</b>	Baixa	Feminino	50 a 65 anos
<b>Informante 05</b>	Alta	Masculino	18 a 30 anos
<b>Informante 06</b>	Alta	Feminino	18 a 30 anos
<b>Informante 07</b>	Alta	Masculino	50 a 65 anos
<b>Informante 08</b>	Alta	Feminino	50 a 65 anos

**Tabela 1. Caracterização dos informantes.**

Assim, com base nessa caracterização social, os dados serão analisados em três categorias, também chamadas pela sociolinguística de variáveis sociais (extralinguísticas) independentes:

- **faixa etária:** mais jovem x mais velho;
- **sexo:** feminino x masculino;
- **escolaridade:** alta x baixa.

<sup>5</sup> Como Florianópolis se trata de um ponto que é capital, foram investigados 8 informantes, ao invés de 4 falantes, como na maioria dos pontos/ cidades (que não são capitais) investigados pelo ALiB.

No que diz respeito à composição dos dados, como o propósito de investigação deste artigo é de verificar a variação na pronúncia de ditongos, foram utilizados os vocábulos que continham ditongos, dentre os 159 vocábulos que eram solicitados como resposta ao “Questionário Fonético-Fonológico” (QFF) do ALiB.

O QFF tem como objetivo identificar fatos fônicos, buscando encontrar variações na pronúncia dos itens, de modo a identificar padrões de fala estabelecidos pelos falantes das diversas regiões do Brasil. Para tanto, era esperado que cada informante respondesse com um termo exigido, não sendo admitido outro termo como resposta.

O quadro 1, a seguir, mostra as 159 palavras que eram esperadas como respostas do “Questionário Fonético-Fonológico”. Note-se que alguns dos 159 vocábulos listados acima estão destacados em negrito, pois apresentam ditongos grafados na escrita (pronunciados ou não na fala).

1. CASA	41. OVELHA	81. EMPREGO	121. UMBIGO
2. TERRENO	42. CAVALO	<b>82. INÍCIO</b>	122. JOELHO
<b>3. PRATELEIRA</b>	43. MONTAR	<b>83. PREFEITO</b>	123. FERIDA
<b>4. TELEVISÃO</b>	44. ABELHA	84. ESCOLA	124. CASPA
<b>5. CAIXA</b>	45. MEL	85. COLEGAS	125. BANHO
<b>6. TESOURA</b>	46. BORBOLETA	86. GIZ	<b>126. DESMAIO</b>
7. CAMINHA	<b>47. TEIA</b>	87. BORRACHA	127. VÔMITO
<b>8. TRAVESSEIRO</b>	48. RATO	88. RASGAR	128. HOMEM
9. LUZ	49. ELEFANTE	89. AZUL	129. MULHER
10. LÂMPADA	<b>50. PEIXE</b>	90. BRASIL	<b>130. FAMÍLIA</b>
11. ELÉTRICO	51. CANOA	<b>91. BANDEIRA</b>	131. TIO
<b>12. TORNEIRA</b>	52. REMANDO	92. PERNAMBUCANO	132. GÊNRO
13. ÎMÃ	53. FAZENDA	<b>93. SOLDADO</b>	133. ÚNICO
14. FECHA	54. AFTOSA	<b>94. CORREIO</b>	134. ALTA
15. FÓSFORO	<b>55. NOITE</b>	95. LIQUIDAÇÃO	<b>135. BAIXA</b>
16. FUMAÇA	56. DIA	96. CINEMA	<b>136. LOURA</b>
17. PÓLVORA	<b>57. ANO</b>	97. DEFESA	137. VOZ
18. VARRER	<b>58. SOL</b>	<b>98. CALÇÃO</b>	<b>138. DOIDO</b>
19. ALMOÇO	<b>59. AMANHÃ</b>	<b>99. UNIÃO</b>	139. VELHO
20. RUIM	60. SÁBADO	<b>100. COMPANHEIRO</b>	<b>140. SANDÁLIA</b>
21. ARROZ	61. CALOR	101. ADVOGADO	<b>141. MEIA</b>
22. GORDURA	62. TARDE	102. <b>QUESTÃO</b>	142. BRAGUILHA
23. GRELHA	63. TRÊS	103. PEGO	143. ANEL
<b>24. PENEIRA</b>	64. DEZ	104. INOCENTE	144. PERFUME
25. COLHER	65. QUATORZE	105. CERTO	145. PRESENTE
26. LIQUIDIFICADOR	66. NÚMERO	106. MENTIRA	<b>146. BELJAR</b>
27. FERVENDO	67. ESTRADA	107. <b>PROCISSÃO</b>	147. SORRISO
28. SAL	68. <b>POÇA</b>	108. <b>SANTO ANTÔNIO</b>	148. DORMINDO
29. CEBOLA	69. DESVIO	109. PECADO	149. ASSOPIO
30. TOMATE	70. PLACA	110. <b>PERDÃO</b>	150. PERDIDA
31. CASCA	71. BICICLETA	111. COROA	151. ENCONTRAR
32. ABÓBORA	<b>72. PNEU</b>	112. OLHO	152. PERGUNTAR
33. CLARA	73. VIDRO	113. PESCOÇO	153. SAIR
34. GEMA	74. SEGURO	114. ORELHA	154. BARULHO
<b>35. MANTEIGA</b>	75. PASSAGEM	115. <b>OUVIDO</b>	155. PAZ
36. BOTAR	76. REAL	116. DENTE	156. MESMA
37. BONITO	<b>77. MUITO</b>	117. <b>PEITO</b>	157. HÓSPEDE

38. <u>ROSA</u>	78. <u>DEVE</u>	118. <u>FÍGADO</u>	158. <u>ESQUERDO</u>
39. <u>ÁRVORE</u>	79. <u>OBRIGADO</u>	119. <u>CORAÇÃO</u>	159. <u>MORREU</u>
40. <u>PLANTA</u>	80. <u>TRABALHAR</u>	120. <u>COSTAS</u>	

**Quadro 1 – Lista de vocábulos esperados nas respeitas ao QFF do ALiB**

As palavras analisadas para verificação da monotongação na fala dos informantes, a seguir elencadas: (1) *prateleira*; (2) *televisão*; (3) *caixa*; (4) *tesoura*; (5) *travesseiro*; (6) *torneira*; (7) *peneira*; (8) *manteiga*; (9) *teia*; (10) *peixe*; (11) *noite*; (12) *pneu*; (13) *muito*; (14) *início*; (15) *prefeito*; (16) *bandeira*; (17) *correio*; (18) *calção*; (19) *união*; (20) *companheiro*; (21) *questão*; (22) *procissão*; (23) *Santo Antônio*; (24) *perdão*; (25) *ouvido*; (26) *peito*; (27) *coração*; (28) *desmaio*; (29) *família*; (30) *baixa*; (31) *loira*; (32) *doido*; (33) *sandália*; (34) *meia*; (35) *beijar*; (36) *morreu*.

No entanto, faz-se importante dizer que as palavras: *família* e *sandália*, apesar de terem ‘ditongos’, serão desconsideradas da análise, uma vez que a interpretação desses como “ditongos” é questionável. Para muitos autores, como Bisol e Mattoso Câmara, esses exemplos não se tratam de ditongos, porque, como vimos anteriormente, Bisol (2005, p.121) explica que os ditongos crescentes não são verdadeiros em português, haja vista que eles são um resultado de processos de ressilabação pós-lexical, surgindo da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. Então, desse momento em diante, nossa amostra será composta por 34 vocábulos, e não por 36.

Sendo assim, o restante dos vocábulos da amostra foram divididos em três categorias, que foram criadas com base na característica fonológica dos ditongos da amostra, e partindo da assunção de Bisol (1989; 2005) de que ditongos com semivogal precedida de sons consonantais de *tepe* ou de *palatal*, como em *porteiro* e *baixo*, respectivamente, são ditongos leves, o que, portanto, motivaria a não-pronúncia das semivogais desses ditongos.

Essas categorias, que poderiam também ser chamadas de variáveis independentes estruturais, são:

- **vocábulos com ditongos anteriores à consoante tepe:** *prateleira*, *tesoura*, *travesseiro*, *torneira*, *peneira*, *bandeira*, *companheira*, *loira*.
- **vocábulos com ditongos anteriores à consoante palatal:** *caixa*, *peixe*, *baixo*.
- **demais vocábulos:** *televisão*; *manteiga*; *teia*; *noite*; *pneu*; *muito*; *início*; *prefeito*; *correio*; *calção*; *união*; *questão*; *procissão*; *Santo Antônio*; *perdão*; *ouvido*; *peito*; *coração*; *desmaio*; *loira*; *doido*; *meia*; *beijar*; *morreu*.



Para resumir, então, podemos dizer que a monotongação será investigada em vocábulos do “Questionário Fonético-Fonológico” do ALiB tendo como: (i) duas variantes: realização da semivogal do ditongo, ou não-realização da mesma; (ii) três variáveis sociais: idade, sexo e escolaridade; e (iii) como variáveis linguísticas: precedência de consoante tepe, palatal ou nenhuma das duas.

Em seguida, discutiremos os dados encontrados em nossa análise.

### Análise e discussão dos dados

Primeiramente, os resultados serão expostos através de uma tabela geral que mostra a ocorrência da monotongação na fala de cada um dos 8 informantes. Dessa forma, convém observar que o “X” em cada quadro corresponde à realização da monotongação na fala do informante, e ainda que os vocábulos ‘sandália’ e ‘família’ estão na tabela 2, abaixo, na última linha, só para ilustração, sendo que não foram incluídos no total, e nem serão contabilizados e considerados no restante da análise.<sup>6</sup>

<i>Vocábulos</i>	INF 1	INF 2	INF 3	INF 4	INF 5	INF 6	INF 7	INF 8	<i>Total</i>
<b>PRATELEIRA</b>	X	X	X	X			X		5
<b>TELEVISÃO</b>									0
<b>CAIXA</b>		X	X	X				X	5
<b>TESOURA</b>	X		X	X			X	X	5
<b>TRAVESSEIRO</b>	X	X	X	X	X		X	X	7
<b>TORNEIRA</b>	X	X	X	X			X	X	6
<b>PENEIRA</b>	X	X	X	X			X	X	6
<b>MANTEIGA</b>	X	X	X	X		X	X	X	7
<b>TEIA</b>									
<b>PEIXE</b>		X	X	X					3
<b>NOITE</b>									
<b>PNEU</b>									
<b>MUITO</b>									
<b>INÍCIO</b>			...						
<b>PREFEITO</b>									
<b>BANDEIRA</b>	X	X	X	X		X		X	6
<b>CORREIO</b>									

<sup>6</sup> Convém registrar a fins ilustrativos que não houve a pronúncia do *glide i* em 100% dos casos, ou seja, nenhum dos informantes pronunciou esse ‘encontro vocálico’ como ditongo. Na verdade, o que ocorreu é a pronúncia do fonema de /@/, e isso já é um fenômeno bem relatado no PB.

<b>CALÇÃO</b>									
<b>UNIÃO</b>									
<b>COMPANHEIRO</b>	X	X	X	X	...	X	X	X	7
<b>QUESTÃO</b>									0
<b>PROCISSÃO</b>									0
<b>Sto. ANTÔNIO</b>	...								0
<b>PERDÃO</b>									0
<b>OUVIDO</b>	X	X	X	X					4
<b>PEITO</b>									0
<b>CORAÇÃO</b>									0
<b>DESMAIO</b>	...								0
<b>FAMÍLIA*</b>	X	X	X	x	x	X	x	x	8
<b>BAIXA</b>		X	X	X			X		4
<b>LOURA</b>				X					1
<b>DOIDO</b>	...		...	...					0
<b>SANDÁLIA*</b>	X	X	X	x	x	X	x	x	8
<b>MEIA</b>									0
<b>BEIJAR</b>		...	X	X					2
<b>MORREU</b>									0
<i>Total</i>	9	11	13	14	1	3	8	8	67

Tabela 2. Desempenho de cada informante quanto à realização da monotongação.

Destacamos inicialmente que houve monotongação na fala de pelos menos um dos informantes em 14 vocábulos (excluindo-se *família* e *sandália*), conforme o quadro seguinte pode melhor ilustrar:

Vocábulos em que não houve apagamento do <i>glide</i> na fala de nenhum dos informantes	Vocábulos em que houve apagamento do <i>glide</i> na fala em ao menos um informante
004 – Televisão /117 – Peito	003 – Prateleira
047 – Teia /119 – Coração	005 – Caixa
055 – Noite /126 – Desmaio	006 – Tesoura
072 – Pneu /138 – Doido	008 – Travesseiro
077 – Muito /141 – Meia	012 – Torneira
082 – Início /159 – Morreu	024 – Peneira
083 – Prefeito	035 – Manteiga
094 – Correio	050 – Peixe
098 – Calção	091 – Bandeira
099 – União	100 – Companheiro
102 – Questão	115 – Ouvido
107 – Procissão	135 – Baixa
108 – Santo Antônio	136 – Loira
110 – Perdão	146 – Beijar

Quadro 2. Relação de vocábulos que sofreram ou não a monotongação

Observando as três categorias de análise que foram criadas para verificarmos em qual contexto fonológico a monotongação é mais frequente, encontramos os seguintes resultados:

- em vocábulos com ditongos sucedidos de *tepe* (eram 8 no total), ocorreu monotongação em 48,4% dos casos, ou em 31 vezes;
- em vocábulos com ditongos sucedidos de *palatal* (eram 3 no total), ocorreu monotongação em 50% dos casos, ou em 12 vezes;
- nos demais vocábulos (20 no total), ocorreu monotongação em 8,1% dos casos, ou em 13 vezes.

Parece um resultado bem expressivo de fato, posto que em contextos com consoantes *tepe* e *palatal*, a monotongação ocorreu em cerca de 50% dos ditongos, em comparação com outros contextos, em que aconteceu em menos de 10% dos casos. Entretanto, é preciso levar em conta que se trata de uma pequena amostra com representação bem desigual de cada grupo. Por exemplo, o grupo dos ‘demais vocábulos’ continha 20 palavras, em comparação ao grupo das palatais que continha 3 palavras. Em função disso, olhamos cuidadosamente para esses resultados evitando fazer maiores generalizações sobre o fenômeno. Entretanto, podemos dizer que eles vão ao encontro da hipótese de Bisol (1989), de que diante de vibrante *tepe* e de *palatal* ocorre no português falado um ditongo leve, e, o *glide* é apagado normalmente.

É interessante ainda relatar que as palavras *travesseiro*, *manteiga* e *companheiro* foram as que mais sofreram monotongação: sete dos oito informantes apagaram o *glide*, sendo que, em *manteiga*, o ditongo é seguido por uma consoante velar, ou seja, não pertence aos grupos mais favoráveis.

Já, no que se refere às categorias sociais investigadas, a frequência de ocorrência de monotongação nos dados obedeceu à seguinte distribuição:

- os falantes do sexo feminino realizaram a monotongação em 26,4% dos casos (36 vezes), enquanto os falantes masculinos em 22,7% (31 vezes) dos casos;
- na fala dos mais jovens, houve monotongação em 17,6% dos casos (ou em 24 vezes), ao passo que na fala dos mais velhos, houve monotongação em 31,6% dos casos (43 vezes);
- os falantes com nível universitário realizaram a monotongação em 14,7% dos casos (20 vezes), e os falantes com ensino fundamental em 47 vezes, ou 34,4% dos casos.

De início, chama atenção a notável diferença entre os resultados dos dois grupos de escolaridade diferentes, visto que ocorreu muito mais monotongação dos ditongos na fala dos informantes com 3º. grau, cerca de mais que o dobro de vezes, em relação à fala dos indivíduos com ensino fundamental. Isso pode apontar uma relação muito interessante entre ocorrência da monotongação e baixa escolaridade, sendo que podemos entender por baixa escolaridade, um domínio menor do código formal, da norma padrão e por último da própria *escrita*.

Essa relação pode ser vista também na realização de outros fenômenos variáveis, como na (não)concordância verbal e nominal, por exemplo, em que o uso de formas não-padrão é mais frequente em falantes com baixa escolaridade. Dessa forma, na análise de muitos fenômenos em variação no PB, é preciso levar em conta que, quanto maior contato com a escrita padrão, maior possibilidade de o falante ‘moldar’ sua fala. Isso nos leva a citar a afirmação do filósofo da linguagem Aurox (1998), de que a escrita que deveria *fixar a linguagem*, é, na verdade, aquela que a mais *modifica*. Em outras palavras, temos uma questão filosófica aí: ‘é a escrita que modifica a língua, ou a língua oral que, ao se afastar da escrita, é que se modifica?’.

Entretanto, não nos atreveremos a responder tal pergunta, mas sim traremos para discussão uma questão mais prática de discorrer, o *fator estilístico*, que pode estar fortemente relacionado à baixa monotongação na fala dos mais escolarizados. Isso porque sabemos que os falantes com mais anos de escola, pelo menos em tese, têm mais chance, maior capacidade de alterar o estilo informal-formal – o famoso *style-shifting*<sup>7</sup> de Labov (1972; 1982) – em sua fala, quanto mais monitorada ela estiver, o que provavelmente ocorre numa entrevista linguística, em que o falante sabe que está sendo analisado. Enfim, falantes com esse perfil podem muito mais facilmente *monitorar* e *moldar* sua fala, o que, conseqüentemente, pode acarretar na produção de formas mais próximas da norma padrão que, nesse caso, seria a pronúncia dos *glides* dos ditongos.<sup>8</sup>

Já, no que diz respeito a também diferença notável entre os dados dos grupos com idades diferentes, constatou-se que o grupo com faixa etária mais velha apagou bem mais as semivogais dos ditongos, cerca de 31% casos, quase que o

---

<sup>7</sup> Troca, alternância de estilo.

<sup>8</sup> Cabe ressaltar que essas reflexões tratam-se mais de especulações do que de conclusões, haja vista que, nenhuma dessas ideias foi profundamente desenvolvida e aplicada ao estudo.

dobro de vezes, em comparação ao grupo com faixa etária mais jovem, em que apenas 17% dos casos houve monotongação.

Com isso, poderíamos descrever que o apagamento da semivogal seja um fenômeno variável, cuja frequência talvez esteja decaindo no português, ressaltando que este estudo contém uma pequena amostra e que, por isso, não seja muito adequada a generalizações desse nível.

Por outro lado, no que cerne à questão do gênero dos informantes, não houve grande diferença entre os grupos, posto que as mulheres ‘monotongaram’ pouco mais que os homens (cerca de 4% a mais), o que conseqüentemente não permite muita discussão sobre esses resultados e, com isso, podemos apenas inferir, com base em nossos dados, que o fator sexo dos falantes não seja significativo para ocorrência do fenômeno da monotongação.

A partir desses dados, podemos então dizer que o *grupo geral* que mais ‘monotongou’ seria o formado por jovens do sexo feminino com baixa escolaridade.

## **Considerações finais**

Nesse artigo, investigamos o fenômeno da monotongação, ou seja, o apagamento do *glide* de ditongos em algumas palavras presentes na fala de oito informantes de Florianópolis (SC). Os dados foram retirados de entrevistas realizadas para o Projeto ALiB, (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), em 2004.

O Projeto ALiB é composto por vários questionários que visam captar os diferentes níveis da variação linguística (lexical, fonética, morfológico, etc.) na fala, dentre os quais, usamos as respostas dos informantes ao QFF (Questionário Fonético Fonológico) para encontrarmos nossos dados que, ao todo, compuseram-se de 34 vocábulos<sup>9</sup> com ditongos grafados.

Separada essa amostra, foram nela investigados três fatores de ordem *linguística*: contexto posterior ao *glide* formado por consoante tepe, por consoante palatal, e pelos demais fonemas; e três fatores *sociais*: idade, sexo e escolaridade

---

<sup>9</sup> Os 34 vocábulos são: prateleira; televisão; caixa; tesoura; travesseiro; torneira; peneira; manteiga; teia; peixe; noite; pneu; muito; início; prefeito; bandeira; correio; calção; união; companheiro; questão; procissão; Santo Antônio; perdão; ouvido; peito; coração; desmaio; baixa; loira; doido; meia; beijar; morreu.

dos informantes, que poderiam estar favorecendo (ou não) o fenômeno da monotongação.

Sobre os resultados encontrados, primeiramente destacamos que, em apenas 14 palavras, dentre as 34, houve apagamento da semivogal ao menos uma vez, ou seja, pelo menos um dos informantes ‘monotongou’ alguma vez. Na verdade, o que mais ocorreu foi que algumas mesmas palavras foram as que frequentemente sofreram monotongação, como *torneira*, *bandeira*, *peneira*, *traveseiro*, *manteiga* e *companheiro*, sendo que essas três últimas foram as mais tiveram o apagamento.

Em segundo lugar, podemos dizer que a influência de alguns fatores estruturais analisados foi significativa, isto é, as palavras em que os ditongos eram anteriores a contextos fonológicos de tepe e de palatal foram aquelas nas quais mais aconteceu a monotongação, em comparação com as demais. Esse resultado vai ao encontro da hipótese defendida por Bisol (1989; 2005), segundo a qual, no português, esses ditongos são facilmente apagados, uma vez que são ditongos leves ou falsos.

Outros trabalhos variacionistas sobre monotongação, como os de Cabreira (2000) e Paiva (2006), também confirmam que o fator contexto fonológico posterior é muito significativo para ocorrer a supressão da semivogal e, segundo esses autores, principalmente se este contexto for de fricativas e palatoalveolares.

Já, em se tratando dos fatores extralinguísticos investigados, destacamos que os informantes com maior escolaridade e os mais jovens foram os que menos apagaram as semivogais dos ditongos. Esses dados se destacaram, pois na fala dos informantes mais velhos e com menos escolaridade, a monotongação ocorreu o dobro de vezes. Por outro lado, a variável sexo não foi significativa para a análise.

Esses resultados estão de acordo com os de Cabreira (2000, p.6), pois em sua pesquisa, os informantes que tinham a menor escolaridade, apenas o primário, foram os que mais ‘monotongaram’ também, levando o autor a defender que os falantes com maior escolaridade tendem a ‘monotongar’ menos os ditongos. Paiva (1996) também considerou a escolaridade como a mais significativa entre as variáveis sociais, posto que, em seu estudo, os falantes com mais escolaridade foram os que mais pronunciaram as semivogais.

A partir disso, poderíamos afirmar que o fenômeno da monotongação parece ser significativamente motivado pelo contexto fonológico posterior ao *glide*,

e por fatores externos. Em relação a esses últimos, com base nos resultados desse estudo, podemos dizer que o perfil dos falantes que menos ‘monotongam’ seria o composto por jovens com escolaridade mais alta.

Resultados como esses, acompanhados de outros, é claro, podem fornecer pistas preciosas sobre qual trajetória essa variação/mudança na pronúncia dos ditongos pode assumir futuramente no PB, pois, sabemos como os fatores sociais podem apontar a possível direção de uma mudança linguística.

## Referências

- BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005
- \_\_\_\_\_. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. In: D.E.L.T.A. vol 5, no. 2 (185-224), 1989.
- CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes no Sul do Brasil**. Estudos da Língua Falada, vol 14, no. 28 e 29, 2000, p. 143-155.
- CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: introdução à teoria e prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LEITE, Y., CALLOU, D., MORAES, J. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D., COLLISCHONN, G. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- CARDOSO, S. A. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALIB: descrição e estágio atual**. Revista da ABRALIN, v.8, n.1, 2009, p. 185-198.
- JUNIOR., J. M. Camara. **Estrutura da língua portuguesa**. 40ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007[1969].
- \_\_\_\_\_. **Erros escolares como sintomas de tendências linguística no português do Rio de Janeiro**. *Romanistisches Jahrburg*, 8, 1957, p.279-286.
- LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino do português**. São Paulo: Editora Contexto, 1995.
- PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SILVAM, M. O; SCHERRE, M. M. P. **Padrões Sociolinguísticos: análise dos fenômenos variáveis no português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 222-236.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8ª. ed. São Paulo: Contexto, 2005.